

REQUERIMENTO Nº 12, DE 2011

Com fulcro no art. 58, § 2º, II, da Constituição Federal, e nos arts. 90, II, e 93, II, do Regimento Interno do Senado Federal, requeiro a realização de audiência pública, no âmbito da Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE), para celebrar o centenário de nascimento do artista Carybé e debater a importância de sua obra.

Ademais, sugiro que figurem, entre as autoridades convidadas para palestrar na referida ocasião:

- a **Sra. Solange Bernabó**, filha do artista e dirigente do Instituto Carybé;
- o **Sr. Antônio Risério**, poeta, tradutor, ensaísta, antropólogo e pesquisador baiano;
- o **Sr. Albino Rubim**, Secretário de Cultura do Estado da Bahia;
- o **Sr. Juan Pablo Lohlé**, Embaixador da Argentina no Brasil.

JUSTIFICAÇÃO

Há cem anos, nos arredores da Capital argentina, exatamente no dia 7 de fevereiro de 1911, nasceu Hector Julio Páride Bernabó, nome de batismo de Carybé, um dos principais artistas plásticos do século XX.

Aclamado e premiado internacionalmente, múltiplo e inventivo, Carybé foi pintor, escultor, gravador, ilustrador, desenhista, ceramista e muralista, além de historiador e jornalista. Amante da literatura, ilustrou obras de alguns dos mais renomados escritores do continente americano, como Walt Whitman, Gabriel García Márquez, Mário de Andrade, Rubem Braga e Jorge Amado.

Aliás, o desejo de conhecer o cenário dos romances de Jorge Amado – de quem se tornaria amigo pelo resto da vida – trouxe Carybé ao Brasil. Ao visitar a Bahia, ele se identificou de tal modo com a cultura afro-brasileira que resolveu se naturalizar. Mudou-se para Salvador em 1950 e ali viveu e reinou como Obá de Xangô até o momento em que partiu para outro plano durante uma cerimônia no terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, no dia 2 de outubro de 1997.

Teve uma relação visceral e simbiótica com a Bahia, dela recolhendo os motivos étnicos para sua arte e a ela devolvendo um colorido agora inafastável da noção de baianidade. Com efeito, o olho e a mão do artista souberam captar a terra baiana e o jeito de ser do seu povo com o encanto e a graça que lhe são peculiares. Isso explica porque os painéis, os quadros, as esculturas e os gradis de Carybé hoje se confundem com a paisagem local, figurando, inclusive, na entrada da Assembleia Legislativa do Estado.

O vínculo indissolúvel do artista com o lugar que elegeu para viver também se expressou de outro modo, por meio de sua atuação constante em defesa da arte local. Ele foi um dos criadores da Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho, sendo de sua autoria a logomarca da instituição, onde funcionou como conselheiro por vários anos.

Esse breve relato sobre a produção de Carybé mostra como ele, com seu talento ímpar, logrou construir uma síntese inusitada – e, à primeira vista, improvável – das culturas afro-brasileira e platina. Trata-se, em suma, de um verdadeiro ícone da amizade que une Brasil e Argentina.

Celebrar a vida e divulgar a obra desse artista genial no ano do centenário de seu nascimento torna-se, pois, um assunto de grande interesse para o País. Ao fazê-lo, sob a forma de audiência pública, o Senado Federal estará cumprindo honrosamente seu papel institucional.

Sala da Comissão, 05 de abril de 2011

Senadora LÍDICE DA MATA